

O Molhe de Carreiros, a Praia do Molhe, a Esplanada do Molhe e o Bar do Molhe nos anos sessenta do Século XX – traços de uma época¹

Sebastião Feyo de Azevedo

O espaço é curto para tantas memórias sentidas. A escrita terá que ser telegráfica.

Convido o(a) leitor(a) a descer a Rua do Molhe num domingo de uma manhã com luz no céu e acalmia no mar. Passando a Rua de Gondarém, o Atlântico começará a aparecer-lhe aos olhos sob a forma de um lago imenso, de beleza serena, a escoar-se numa linha do horizonte para lá da qual poderá imaginar Nova Iorque ligeiramente a sul e Boston ligeiramente a norte. Sentirá vontade de se aproximar para ver e sentir o mar mais de perto.

Atravesse aquela que já foi a Rua de Carreiros, transformada com o advento da República em Avenida do Brasil. Desça as escadarias que lhe surgem à sua frente e chegue ao destino desta crónica: uma esplanada, uma praia, um paredão e, hoje, que não há cinquenta anos, vários bares-restaurantes.

É um local carregado de memórias de várias épocas, de tempos de lazer da sua juventude, ponto de encontro para tertúlia e para o início de tantos programas de fim de semana ou de verão.

O paredão, o Molhe de Carreiros, criado para servir como porto de abrigo de pescadores, é referência secular que deu o nome à Praia do Molhe, à Esplanada do Molhe, à Rua do Molhe, ao Café do Molhe e ao Bar do Molhe.

A praia do Molhe surge-nos com o colorido distintivo dos equipamentos dos seus concessionários, estabelecidos desde há longos anos: o branco da Laura Valente; o verde do António Teixeira; o vermelho da Maria Teixeira; o azul do José Allen.

Em miúdos, nas férias, passávamos horas a arriscar saltos de rochedo em rochedo. Mais velhos, alugávamos barcos com banheiro para uns banhos aí a uns bons cem metros fora do porto que o paredão criava. O paredão tinha no seu extremo bem dentro do mar, no seu lado sul, uma prancha para os mais corajosos saltarem, um espetáculo sempre apreciado por muitos.

Nos anos cinquenta a oferta de motivos de convívio e lazer nesta área era muito escassa. Na Esplanada havia o Café do Molhe, de frequência selecionada. Havia uma pequena venda, tasquinha, do senhor Ferreira, com o passatempo dos jogos de matraquilhos, hoje transformada num agradável bar-restaurante pelos seus filhos. Havia umas vendas sazonais, no verão, de gelados e de refrescos de limão e groselha. Ah... também havia uma repartição da Guarda-Fiscal, ao que dizem para controlar negócios menos lícitos vindos do mar. Que os havia.

¹ Reconhecimento:

Este texto foi construído com base nas memórias do autor, que cresceu, viveu e vive na rua do Molhe, em Nevogilde, e de conversas, que muito agradece, com o senhor Carlos Barros e com o senhor Henrique Teixeira, seus vizinhos.

Uns poucos metros a sul, adiante do ex-libris da cidade que é a Pérgola da Foz e a sua balaustrada, tínhamos a Casa de Chá do Pavilhão de Carreiros, de frequência ainda mais seleccionada que o Café do Molhe. Um pouco mais além, do outro lado da avenida, lá estava a Pastelaria Doce Mar que permanece hoje, adaptada aos tempos. O Pavilhão de Carreiros e o Café do Molhe, esses foram destruídos pela corrosão marítima e pela fúria do mar.

No início dos anos sessenta dois empreendedores da época, o senhor Carlos Barros, um 'jovem' hoje com 91 anos e com uma memória prodigiosa, e o saudoso senhor Arnaldo Peixoto alugaram à Câmara Municipal do Porto as instalações que eram sensivelmente as do Café do Molhe, investiram na sua recuperação e abriram o Bar do Molhe, anos mais tarde transformado em Bar-Restaurante do Molhe, hoje nas mãos de gente da terra, mas não ligada aos fundadores.

O Bar do Molhe constituiu grande mais-valia de atrativo local, trouxe vida. O senhor Carlos e o senhor Peixoto, assim os tratávamos, trouxeram de facto novidade. Tiveram, disse-me o senhor Carlos, a primeira televisão disponível num estabelecimento público no Porto. Tinham dois espaços com matraquilhos e 'flippers' que atraíam muita gente nova, normalmente com filas de espera para a utilização. Tiveram a primeira pista de 'mini-cars' do Porto. Organizavam-se competições com estes equipamentos.

O Bar do Molhe transformou-se em local de encontro de vários grupos, com diferentes perfis sociais, com motivações e agendas diversas, que conviviam pacificamente: uns com maior ou menor objetivos de lazer puro; outros com objetivos mais ou menos políticos e de intervenção, próprios da crispação política da época. Era um espaço aberto a todos. A relevância social foi muito significativa, talvez na medida da escassez da oferta.

Hoje o panorama é obviamente diferente daquele que tínhamos nos anos sessenta. O espaço da orla marítima da Foz, reforçado com a proximidade do Parque da Cidade, é visitado quase todo o ano por dezenas ou centenas de milhares de cidadãos do Porto e da região que, particularmente aos fins de semana, procuram o ar 'arejado' e leve do mar para retemperar forças físicas e psíquicas.

Não conheço as agendas das gerações que sucederam à minha. Os divertimentos são outros. Certo é que há bem mais movimento e ruído. Com toda esta mudança natural, certo é igualmente que a Esplanada do Molhe com a sua praia, o seu paredão, as suas gentes e os seus bares continua a ter um enorme encanto e a ser o local mais simbolicamente popular da Foz Nova, da parte da Grande Foz que fica na freguesia de Nevogilde.